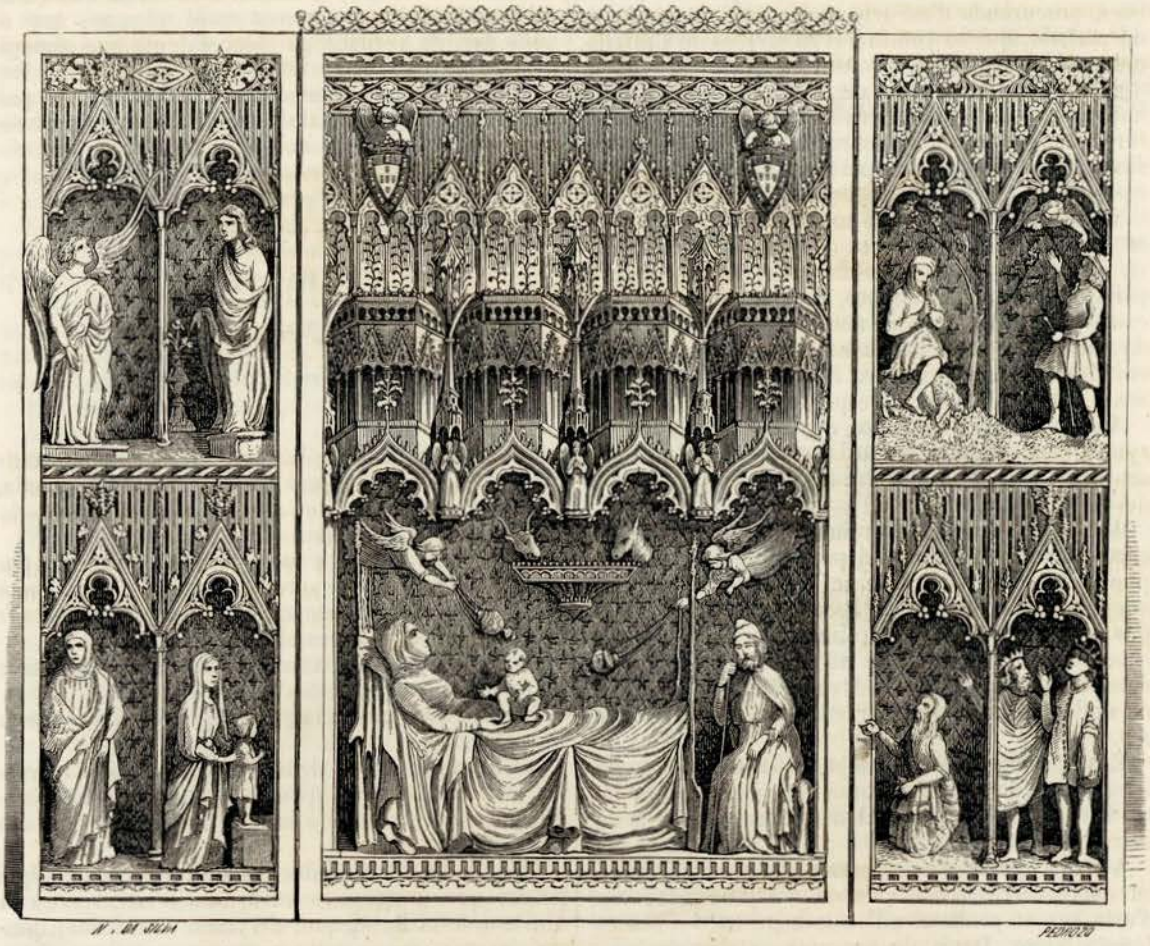


Oratorio de D. João I de Castella tomado pelos portuguezes na batalha de Aljubarrota — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

Quando uma nação se resolve a defender a todo o transe a sua independencia e liberdade, por mais pequena e abatida que seja essa nação, é immenso o seu poder, e quasi certo o seu triumpho.

Se a historia não tivesse guardado em seus archivos tantos exemplos d'esta grande verdade, bastaria para a comprovar, como documento incontestavel, o objecto de que é copia a gravura junta.

Todos sabem que pela morte del-rei D. Fernando chegára Portugal á borda do abysmo, onde se tem subvertido muitas nacionalidades, e mui poderosos imperios.

Tinham-lhe extenuado as forças e os recursos desastrosas guerras estrangeiras.

Quebrára-lhe o animo, e arrefecêra-lhe os brios, ainda mais que os infortunios da guerra, a fraqueza do monarcha D. Fernando, tendo sido o aggressor estimulado pela ambição de cingir a fronte com mais outra coroa; presenciára em vergonhosa apathia de dentro dos muros de Santarem, a marcha triumphante do seu rival Henrique II de Castella, sobre Lisboa, quasi só defendida pelo valor dos seus habitantes; e vira impassivel do alto da alcaçova o fogo devorando uns após outros os arrabaldes da sua capital.

A união, que faz fortes os fracos, e que fizera invenciveis os portuguezes de D. Sancho I, fôra roubada a Portugal pelas discordias civis, accendidas no facho do hymeneu que uniu em laços criminaes, el-rei D. Fernando e a tão formosa, quanto ambiciosa e impudica D. Leonor Telles de Menezes.

A todos estes elementos destruidores de um povo, accresceram pelo fallecimento do soberano as disputas da successão do throno; os odios e os esforços encontrados das diversas parcialidades; as intrigas e corrupções empregadas pela rainha regente em favor de sua filha D. Beatriz, mulher del-rei D. João I de Castella; e finalmente os exercitos d'este poderoso pretendente transpondo as fronteiras de Portugal.

A crise ostentava-se violenta e medonha. A situação politica do paiz parecia desesperada aos mais animosos.

A nobreza ou se deixára vencer das seducções de D. Leonor, ou queria sacrificar todos os interesses publicos á legitimidade do successor, o infante D. João, filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro, ao qual o leão de Castella se apressára a prender com as suas garras traiçoeiras.

O povo, que antevia o perigo que lhe estava imminente, passára da murmuração para as imprecações, das imprecações para as ameaças, e das ameaças para os actos de violencia. Como ondas em mar embravecido, tumultuava e bramia nas ruas e praças de Lisboa. Arremeçava-se furioso contra os

paços da regente, que aproveitando-se da escuridão da noite, fugia espavorida, caminho de Alemquer. Accommettia cego de raiva as portas da cathedral, e precipitando do alto da torre o bispo D. Martinho, arrastava-o pelas ruas ao som de injurias e maldições, procurando d'est'arte saciar no corpo exanime do prelado, que se votára aos interesses de Castella, a sua sêde de vingança contra os traidores.

Mas como imagem fiel de mar agitado por ventos oppostos, o povo levantava-se irado, e movia-se enfurecido sem rumo nem direcção. E em quanto assim vagava á mercê das paixões, talavam as tropas castelhanas os bellos campos do Alemtejo.

Da propria grandeza do mal veiu o remedio para os portuguezes. Ao aspecto do perigo, que ameaçava a sua independencia e liberdade, reprimem-se as paixões, serenam os animos, e emmudecem os interesses de bando. Renasce em todos os peitos o amor da patria. Ergue-se do abatimento o espirito publico. Exaltam-se as virtudes civicas; e ráia para todos a luz vivificadora da esperança.

As sympathias do povo, ou, ainda mais que as sympathias, o seu instincto da salvação, designa para seu chefe a D. João, mestre d'Aviz, o filho bastardo del-rei D. Pedro I.

Acclamado defensor do reino, o mestre d'Aviz desenrola o estandarte da independencia nacional, empunha a espada, e põe-se em campo, fazendo rosto aos inimigos da patria. A Providencia, que véla sobre o destino dos povos, inspira-o na escolha do cabo de guerra que deve auxilial-o em tão grandiosa empreza; e D. Nuno Alvares Pereira vem cheio de enthusiasmo e de valor capitanear os portuguezes.

É na provincia do Alemtejo, no sitio chamado dos *Atoleiros*, que a victoria orna com os primeiros loiros a fronte de D. Nuno Alvares Pereira (29 de Janeiro de 1384).

A 14 d'agosto d'esse mesmo anno encontram-se os dois exercitos nos campos d'Aljubarrota; mas d'esta vez empenhava alli o inimigo todo o seu esforço e vigor. Devia de ser uma batalha decisiva, para qualquer lado que pendesse o triumpho.

O exercito castelhano, contava oito mil cavallos, e vinte e tres mil infantes, e era commandado pelo seu rei D. João I. O nosso apenas se compunha de mil e setecentos homens de cavallaria, e quatro mil e oitocentos de infanteria; e tambem trazia na sua frente outro D. João I, o mestre d'Aviz, já investido na realeza pelas cortes de Coimbra.

Quasi todas as vantagens da guerra eram pelos inimigos. Os portuguezes não tinham por si mais que o seu valor e a santidade da causa que defendiam. Mas isto era muito, e quasi sempre é tudo nas luctas da humanidade. E assim o foi então.

Travou-se a peleja com singular encarniçamento de parte a parte, pois que antigas rivalidades e reciprocas affrontas armavam de ira todos os braços. Os castelhanos pretendiam lavar no sangue portuguez as nodoas de vergonhosas derrotas. Os portuguezes estavam resolvidos a defender a todo o transe a sua liberdade.

Ao cabo de pouco mais de uma hora de combate estavam completamente rotos, desbaratados os castelhanos. O formidavel exercito de Castella, levando na frente o seu rei, fugia vencido de um punhado de homens. Mas esse punhado de homens tinha o vulto e a força de gigantes, porque o impellia e fortalecia o amor da patria e da liberdade.

O acampamento inimigo com todas as bagagens do exercito caíu em poder dos nossos. Entre o precioso espolio encontrado na tenda del-rei de Castella, figurava o magnifico oratorio de prata que se vê representado em a nossa gravura, e que D. João I de Portugal offereceu com mais outras peças á collegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães, onde presentemente se acha.

A batalha d'Aljubarrota que assegurou a independencia de Portugal, e firmou a coroa na cabeça do mestre de Aviz, é a prova mais solemne, que se póde dar, da verdade da asserção com que começámos este artigo.

O oratorio, que vamos passar a descrever, é pois um padrão d'essa batalha, e um dos mais gloriosos tropheos das victorias dos portuguezes.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

A FILHA DO MAR

(CONTO VALENCIANO)

(Vid. pag. 131)

VI

Desde aquella tarde Rosa andava frequentemente abstracta; passava horas inteiras junto da janella, com os lindos olhos fitos no mar.

Que procuravam elles alli?

Seria para evocar a recordação do que seu pae adoptivo lhe contára ácerca do que já sabemos se passou n'aquella tempestuosa noite? Julgaria ver na ondulação das vagas alguma memoria da sua infancia, ou representavam-lhe em ampla superficie o tumulo de suas illusões?

É certo que em sua impaciencia teria visto alguem que esperava.

Se os olhos não a denunciassem, o rosto revelaria essa impaciencia, quando appareceu em longinquo horisonte uma vela branca de neve, fluctuando na superficie azul.

Quando este barquinho assomou no ponto em que parece que as aguas se unem com o ceo, recresceu a attenção de Rosa, que, deixando o trabalho, queria devorar com a vista o espaço que havia entre aquelle ponto branco e o logar em que estava.

Se visseis no fragil barquinho um pescador não perder de vista a janella das flores, não deixarieis de reconhecer Lourenço.

Lourenço, que d'antes passava vida alegre e folgazã, transformára-se em homem pensativo e triste.

Os seus companheiros sempre o respeitaram, e agora ao mais que se atrevem é a perguntarem-se em voz baixa: — « Que terá?... »

Ao cabo de alguns dias de observações, e quando voltavam da pesca, surprehenderam certos signaes estando a bordo do saveiro, entre Lourenço e outra pessoa do porto.

Rompia a alvorada de um dia de primavera.

Tudo era admiravel. Diaphana e transparente a abobada celeste; a aurora, com alva e mysteriosa luz, e arroxeadas côres, reflectindo nas limpidas aguas; as brisas puras como a innocencia, aqui e alli prateados peixinhos saltando alegres, como querendo presenciar o ameno espectaculo da natureza.

A companha do saveiro, posto que habituada a vel-o todos os dias, estava extasiada diante d'este espectaculo, e como impellida por secreto instincto, largára as redes para expandir os corações com a frescura do ambiente.

Talvez que, sem o pensar, estivessem fazendo um grande bem.

Proval-o-hei.

Os innocentes peixinhos, que eram perseguidos na propria morada, e que já de certo gemeriam entre as redes, como incautos prisioneiros que iam ser apartados do seu centro, gozaram então de liberda-

de, e poderam desfructar os encantos da luz da manhã.

Ainda mais: outro bem fizeram, segundo as observações physiologicas, a uma alma namorada, mas phreneticamente namorada.

Que era a de Lourenço, não resta duvida. Este, apenas ouviu o *alto* que o chefe da expedição acabava de dar e todos seguiram, correu á popa do barco, e, apoiado no leme, fitou os olhos azues como o ceo na povoação de Santa Pola, que á sua vista se elevava entre a nevoa, adormecida, e rosada pelos reflexos da aurora, como a flor que principia a abrir o seu calix aos primeiros fulgores do dia.

Lourenço não era poeta; mas n'aquelle instante poder-se-hia apostar que formava uma lenda na imaginação.

Lourenço olhava para a povoação; n'esta havia uma casa com janella e porta que davam para o mar; na janella, guarnecida de martyrios e cravos, era costume ver-se com frequencia uma donzella.

Era esta quem Lourenço procurava com os olhos.

Appareceu o sol de entre as aguas.

Os pescadores saudaram os seus raios primeiros, e com os chapeos nas mãos gritaram com infantil alegria: « O sol! »

Procuraram Lourenço, e acharam-n'o em o sitio do costume, agitando o seu lenço côr de rosa. Distrahiram-n'o de seu extasis, porque iam entrar no porto.

Lourenço, logo que saltava em terra, em vez de tomar o caminho mais curto para casa, fazia um rodeio para dar os bons dias a Rosa.

Esta madrugava muito; quando a senhora Theresa lhe perguntava por que, abaixava os olhos, e tremendo respondia que gostava de ver saír o sol do fundo das aguas.

VII

Vejamos quem era Lourenço.

Filho de antigo maritimo, cuja fortuna havia sido tão inconstante como o elemento que sulcava, não tivera outro recurso senão dedicar-se á pesca para sustentar sua pobre mãe.

Esta boa e laboriosa mulher não desejava outra coisa senão ver o filho contente, e só aspirava a um sorriso de seus labios, unico premio que exigia por seus desvelos.

Lourenço ia todas as manhãs depositar nas mãos de sua mãe o fructo de seu trabalho e um beijo.

Seu pae tinha saído para Oran [1] em busca de fortuna, como se costuma dizer, e não havia noticias d'elle.

Um dia entrou a prima de Lourenço, a quem não desconhecemos, e que se chamava Marianna, com uma carta para sua tia Martha.

Marianna, por insinuação da tia, abriu a carta, e ao ver a assignatura chorou de prazer, porque era do pae de Lourenço.

— De meu marido! — disse a pobre mulher trémula e chorosa. E caíu de joelhos dando graças ao Creador.

— Lê, Marianna, lê — continuou reprimindo a commoção intima e enxugando as lagrimas.

Marianna começou a leitura.

Porém chegou a um ponto em que, suspensa e perturbada, não pôde continuar.

A carta caiu-lhe das mãos.

A prima empallidecêra.

A mãe de Lourenço tremia.

— Tia, exigem-lhe um sacrificio....

— Um sacrificio de mim? Qual?... Tantos hei eu feito já por elle, e tanto hei soffrido, que o não estranharei.

E era certo. Aquella mulher tinha na fronte os signaes evidentes dos tormentos da alma. A resignação estendêra o seu manto sobre a veneravel cabeça da esposa infeliz.

Era preciso, segundo o conteúdo na carta, que Lourenço partisse a fim de acompanhar seu pae. Este necessitava d'elle para os seus negocios, e não lhe importavam os padecimentos e as lagrimas da mãe, os soffrimentos e a amargura da esposa.

O desgosto e a afflicção residiram desde aquelle instante no seio d'esta limitada familia.

Lourenço, ao saber da fatal determinação, dobrou o joelho diante de sua mãe, estendeu-lhe os braços, e chorou como uma criança.

Marianna correu ao seu quarto para chorar mais livremente, porque amava Lourenço em segredo.

Chegára a saber que elle morria de amores pela sobrinha de Theresa, e occultou no fundo da alma a sua paixão.

Alma candida, que via em sua primeira illusão a flor dos amores emmurchecida pelo desengano!

A noticia da fatal carta correu pelo povo cem vezes mais depressa do que se fôra uma boa nova.

Rosa não foi a ultima em sabel-a, e correu afflicta a contar a sua desgraça á senhora Theresa, a quem nada já se occultava.

As lagrimas que se vertem no seio de mãe ou no de um amigo são menos amargas e dolorosas. As de Rosa, todavia, foram bem amargas!...

Em a noite anterior á da partida de Lourenço, achava-se este passeando cabisbaixo defronte da janella das flores, quando ouviu agitar as folhas das trepadeiras, como se mão occulta as separasse para ver melhor.

Aproximou-se; era Rosa, era effectivamente Rosa que julgava perdel-o para sempre.

Os que tendes amado alguma vez na vida com a vehemencia d'aquelles dois corações, virgens ás impressões do amor, comprehendereis se ha sentimento que possa egualar-se ao que se experimenta na primeira separação!

Não ha palavras que substituam as que então se proferem, nem a escripta tem a propriedade de transcrever a particular accentuação com que se dizem. O que expressam aquelles sons trémulos e entrecortados, aquelles olhos arrasados de agua, e aquelle ultimo adeus quasi imperceptivel, porém que trespassa a alma, e está sempre nos ouvidos, ninguem o comprehenderá em quanto não chegar a experimental-o.

Rosa e Lourenço pronunciaram esse adeus.

Ella beijou mil vezes um ramalhete de saudades, e não desappareceu da janella até que Lourenço se perdeu n'uma das ruas proximas.

No ramalhete de saudades fez a lua brilhar algumas lagrimas.

Lourenço, chegado a casa, fechou-se no seu quarto, e desembrulhando um papel que continha um relicario, tambem o beijou murmurando o nome de Rosa.

Marianna sentira-lhe os passos; escutou, comprimindo as pulsações do coração, e só ouviu o nome da sua visinha e amiga.

Suspirou, e olhando para o ceo, apenas os soluços a deixaram articular estas palavras:

— Virgem Maria, protegei-os.

E caíu desfallecida no leito.

VIII

Soaram as quatro horas da manhã.

O pequeno caes de Santa Pola está apinhado de gente.

[1] Oran é hoje capital da provincia d'este nome na Algeria. Fica no Mediterraneo a 365 kilom. S. O. de Argel, no fundo da bahia de Oran. É cidade de 22.000 habitantes, dos quaes 8.000, pouco mais ou menos, são indigenas. Occuparam-n'a os francezes em 1831.

A grande distancia havia um navio mercante que devia sair em alguns instantes.

N'elle se agita um lenço côr de rosa, e infinidade de lenços correspondem ao signal, ouvindo-se entre os circunstantes essas palavras que só as mães articulam entre suspiros dolorosos:

— A Virgem o acompanhe... Adeus... adeus!...

Eram as que estavam alli, como se poderia julgar, a mãe de Lourenço, sua prima, a candida Rosa, e innumeraveis amigos do que se ausentava.

Enfunada a vela pelo vento, e illuminado com os primeiros raios do sol, o navio fendia as ondas como a gaivota que bate as azas e cruza os mares, divertindo-se em contemplar o cristallino elemento em que se banha. Pouco a pouco foi desapparecendo da terra, levando a ventura dos que presenciavam a sua velocidade.

IX

A ausencia de Lourenço foi sentida por todos os seus companheiros, e não houve no povo uma só pessoa que não deixasse de ser impressionada pelo mesmo sentimento.

A mãe era de contínuo visitada por aquellas gentes, que procuravam consolal-a. Entre estas se encontrava Rosa; mas Rosa precisa de consolo em vez de o dar.

Marianna reunia-se a miudo com ella, e infundialhe alento e esperanças.

Esperanças lhe dava quem para si as perdêra de todo!

Já não havia no seu caracter os rasgos de vivacidade que a distinguiam, nem cantava e ria como em outro tempo.

A voz emmudecêra-lhe como a das avesinhas perante a tempestade.

Rosa não perdêra o seu costume. Ao nascer do sol via-o todas as manhãs apparecer no horisonte; os seus raios afiguravam-se-lhe mais pallidos; o mar estava mais escuro, o ceo não era tão azul como d'antes. E as flores?... As flores iam perdendo a côr como ella; resequidas as folhas, via-as cair uma por uma, e exclamava entre suspiros: — Não voltarão... não voltarão... como elle não voltará!...

X

Decorreu muito tempo sem que houvesse noticias do ausente. Mas um dia, á hora em que o crepusculo principia a annunciar os mysterios da noite, estava uma rapariga ao lado de pobre e arruinada mesa, lendo uma carta em voz alta e commovida.

Era Marianna.

A tia Martha escutava a leitura como se d'ella pendesse a sua vida inteira. Em cada palavra havia um estremecimento para o coração, e em cada letra uma alegria para a alma.

Alguns pescadores ouviam-n'a com religioso silencio, outros levavam as mãos aos olhos para occultar as lagrimas que se lhes deslisavam traiçoeiras pelas faces.

N'aquella carta, que não cabe duvida devia ser de Lourenço, dava este noticias de sua viagem, não muito feliz, e de sua chegada a Oran, aonde seu pae lhe insinuára o projecto de embarcar para a America. Que iam sair de um dia para o outro. Que cuidassem de sua infeliz mãe.

Ainda maiores desgraças, mais infortunios, vinham inclinar a fronte d'aquella esposa e mãe infelicissima.

Até então era possivel a esperança.

Marianna abraçou sua tia sem poder reprimir o sentimento de amor que a dilacerava.

Os pobres maritimos, que presenciavam a scena, afastaram-se contristados. A America para elles, que nunca haviam atravessado outros mares além dos que alcançavam com a vista; para elles que viam toda a felicidade n'aquellas arenosas praias, era um tumulo, um monstro que devorava os tristes ausentes de sua patria.

A mãe e a prima de Lourenço viam ainda mais negro o seu futuro; acreditavam que para sempre o haviam perdido.

Rosa tinha por habito visital-a todas as noites. N'aquella chegou mais pallida do que de outras vezes, porque egualmente havia recebido carta de Lourenço.

Apertou a mão de Marianna, e trocaram-se um olhar de acerba magoa.

Eram duas tenras flores, cujas debeis hasteas se inclinavam pelos impetos do furacão, e que se prestavam mutuo apoio para serem arrebatadas juntamente.

Marianna perdêra desde muito tempo a esperança de ser afagada pela brisa das illusões.

Rosa entristecia.

A primeira occultava o seu amor, porém não as lagrimas; o seu amor, que vivia dos suspiros da alma, e se conservava n'ella atraz das borrascas do mundo, como a perola occulta na concha e açoitada pelas ondas! A segunda encontrava no seio da amiga um thesouro de carinho, e procurava em suas doces palavras a consolação que, como um raio de luz, lhe fazia por instantes brilhar no coração a imagem de risonho porvir.

Entretanto a pobre mãe via muita vez entre sonhos a felicidade.

Quantas noites Marianna, que dormia proxima da cama d'aquella infeliz mãe, ouvia, entre dolorosos gemidos, o nome de Lourenço, e se levantava, como accommettida de louco phrenesi, querendo enganar com falsas illusões a triste realidade...

Assim ia passando o tempo, e os annos rapidos corriam, deixando profundos vestigios na decrepita Theresa, que via escapar-se-lhe a vida, sem o sentir, no meio dos afagos de sua filha adoptiva, que temia desapparecesse da terra aquella alma sublime e generosa. Rosa estreitava-a em seus braços, e imprimindo com seus encarminados labios ternos beijos n'aquella fronte coroada pelos annos, e illuminada com a auréola das virtudes, julgava infundir-lhe com elles a vida de seu coração, e o alento de sua mocidade.

XI

A ambição do homem, que sempre é o norte de seus actos, faz com que alcance os grandes descobrimentos que senhoriam o espaço, e parece dominarem o tempo.

Por isso as distancias desapparecem; por isso a palavra corre com a velocidade do raio; por isso o homem quer sujeitar todos os elementos á sua temeraria intelligencia.

Mas para isso necessita de meios materiaes que o escriptor reduz a zero na mesa em que escreve. Alli, senhor do tempo e do espaço, toma as coisas aonde quer e leva-as para onde praz á sua vontade. Atravessa as distancias, faz passar ante a sua imaginação os acontecimentos como em variado panorama, e economicamente viaja com os leitores sem risco de funestissimos desencarrilhamentos ou violentos choques.

Não estranheis, leitor amigo, o preambulo antecedente, porque eu, inimigo de certos preludios famosos, e determinadas digressões inuteis, vali-me d'este só para vos dizer que vamos passar muitos annos da nossa historieta; que havemos de deixar em branco largo periodo de tempo, porquanto não

occorreu durante o seu transcurso nada que possa interessar-nos.

Deixemos Lourenço na America com seu pae, desejando voltar á pobre cabana onde sua mãe lhe enxugára as primeiras lagrimas que derramou; e ao seu barco de pesca, a bordo do qual tantas vezes saudára o sol que lhe doirára com os raios a casa da virgem de seu primeiro amor.

Tambem abandonâmos o povo de Santa Pola, onde, por muito tempo, não aconteceu nada de singular.

XII

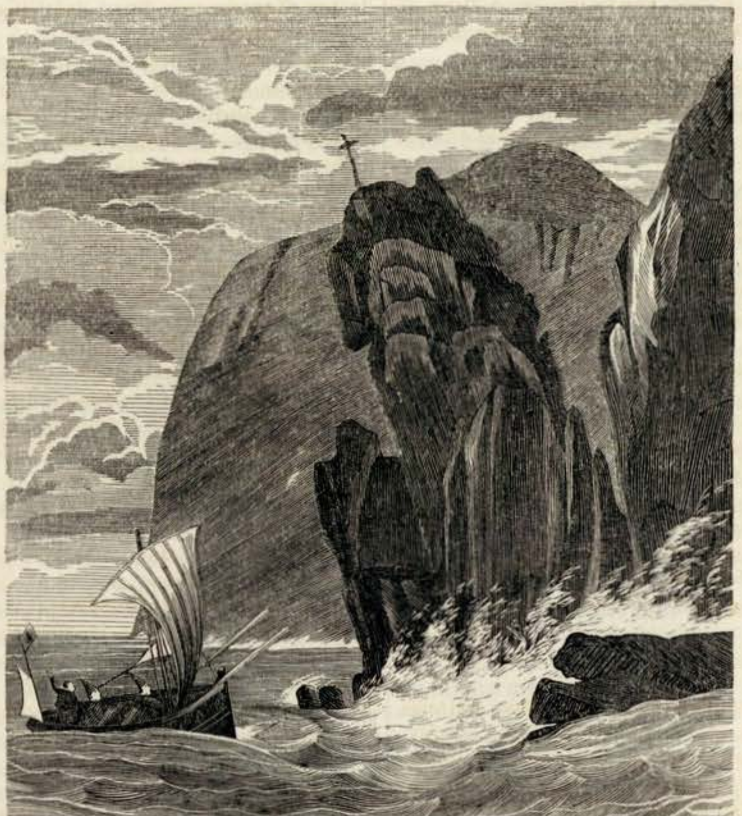
Estamos na cidade de Alicante [1], chamada por uma notabilidade de Hespanha, a *melhor terra do mundo*.

Se quizesse cançar o leitor indulgente, aqui faria interminavel descripção d'essa capital de provincia com fumaças de cortezã. Ainda que esteja ignorada no meio do seu commercio e agricultura, sem outros desejos além dos da prosperidade do paiz, não é invejosa nem invejada.

Fallo do que era ha alguns annos, porque actualmente desperta ao aspero silvo da locomotiva, e encastella a sua ambição até ás nuvens.

Alicante, em outro tempo, quando eram necessarios quinze dias de jornada para chegar á *villa coronada*, vivia embalada ao suspiro das brisas em uma infancia ditosa.

O murmurio das aguas que beijam as suas praias adormecia-a com o somno da innocencia. Respirava o aroma de suas flores, cercada de jardins e guardada pelo castello, sentinella constante que tem presenciado todas as epochas da sua vida.



Pontal da Cruz na ilha da Madeira

Deixemos as reflexões philosophicas, e passemos aos factos. Decorreram oito annos desde que suspendemos a narração, e viajámos até Alicante.

As serenas aguas do Mediterraneo banham aquella cidade pelo sul e léste, formando argentino diadema á divindade maritima que lhe canta as suas bellezas. Alicante vae ser o theatro dos acontecimentos que põem remate a este conto.

Havia alli um abastado negociante, que não era orgulhoso, nem avaro, qualidades que deveram distinguir os ricos e os negociantes. Sua familia é uma filha unica, na qual se encerrava toda a felicidade e ventura, porque era digna do amor dos anjos.

Um dia que estavam reunidos filha e pae, e este narrava as desventuras que lhe haviam atribulado a existencia, ouviu-se chamar á porta, e appareceu uma rapariga, triste e macilenta, porém mostrando nos labios o sorriso celestial dos que padecem e esperam. Pedia amparo e protecção. Chegára ao seu conhecimento que faltava uma costureira á menina, e desejava trabalhar para viver.

Maria, que era este o nome da filha do negocian-

[1] Cidade situada a 375 kil. S.S.E. de Madrid, e porto importante do Mediterraneo. Tem mais de 19.000 habitantes.

te, lançou um olhar de compaixão áquella infeliz mulher.

Esse olhar mysterioso e indagador penetrou a alma da entresticida, e fez-lhe brilhar as lagrimas nos olhos. O seu coração estremecêra pelo impulso de um sentimento de incomprehensivel ternura.

— Como se chama? lhe perguntou Maria.

— Rosa, balbuciou ella.

O páe e a filha trocaram um olhar de intelligencia, e Maria dirigiu-se á recemchegada com o accento carinhoso de que só é capaz a mulher, um d'esses anjos cuja patria é o ceo e que nos dão na terra, em um sorriso, a luz da eterna felicidade.

— Pois então, Rosa — disse-lhe a filha do negociante, — desde hoje encontrarás em nós protecção e amparo. Não tens paes?

— Não, minha senhora, — respondeu ajoelhando-se aos pés de Maria e beijando-lhe as mãos com lagrimas do coração. — Não tenho paes, nem os conheci; os dois entes generosos que me adoptaram desappareceram da terra, deixando-me n'alma um vacuo que ninguem poderá occupar.

Outra lembrança augmentava então a sua dor: a lembrança de Lourenço. Nada constava d'elle. O esquecimento, de certo, apagaria de sua memoria a imagem de Rosa que nunca o riscára de seu coração.

Uma tarde em que bordavam Maria e Rosa, que já se amavam entranhavelmente, desceu do mirante da casa o pae d'aquella, cujo nome, se não me engano, era Estevão, com semblante prazenteiro e oculo na mão.

Maria para logo comprehendeu a alegria de seu pae, e perguntou-lhe cheia de jubilo.

— Viu-o?

— Sim, minha filha, sim: vi o brigue *Maria*, que está entrando no porto... Era já tempo, desde que recebi noticia de sua saida da America.

Rosa, ouvindo estas palavras, ficou immovel, com os olhos fitos no chão, e repetindo para si:

— Da America... meu Deus... da America...

Estevão e Maria notaram a perturbação de Rosa, e viram-lhe resvalar pelas faces algumas lagrimas.

— Rosa — perguntou a filha do negociante — que tens? Confia-me os teus segredos; sou tua companheira e irmã... vem.

E tomando-a pela mão, levou-a ao seu gabinete, onde a pobre orphã depositou o segredo de seu desventuroso amor no seio d'aquelle coração grande e generoso.

(Continúa)

PONTAL DA CRUZ

O sr. Francisco Travassos Valdez, arbitro do governo portuguez em Loanda, publicou já n'este anno, em Londres, e na lingua ingleza, uma obra mui noticiosa, que tem por titulo: *Seis annos de vida na Africa occidental*, em 2 vol. com 14 estampas.

Partindo de Lisboa para a sua commissão, em janeiro de 1852, o senhor Valdez foi em todos os portos da escala tomando informações do estado actual das nossas colonias africanas, de que nos dá cabal noticia, com a indicação historica do seu descobrimento, população, commercio, e outras noções estatisticas.

O capitulo VII do II vol. é extractado do excellente *Diario da expedição portugueza ao Muata Cazembe*, escripto pelo sr. major A. C. P. Gamito, de que já démos ampla noticia a pag. 76 do I vol. do *Archivo*. D'esta obra copiou o sr. Valdez algumas estampas, entre ellas a do Muata Cazembe, ou imperador dos lundas, que poz no frontispicio do tomo I.

O sr. Francisco Valdez prestou um relevante serviço ás colonias portuguezas com a publicação d'este seu trabalho, e concorreu de certo para ser mais conhecido o *Diario* do sr. Gamito, agora que na lingua dos modernos argonautas se fez d'elle tão honrosa menção.

A imprensa de Inglaterra, tão ufana com as explorações effectuadas pelo dr. Livingstone no interior da Africa central, tem imparcialmente avaliado e applaudido a obra do sr. Valdez. Eguaes testimunhos de louvor tem recebido o nosso auctor da imprensa portugueza, e nós comprazemo-nos de tomar parte no desempenho da obrigação em que lhe estamos todos os que prezâmos as recordações da nossa passada grandeza, e augurâmos a futura prosperidade que nos podem trazer as riquissimas colonias que ainda possuimos.

A estampa que hoje damos para amostra das que illustram a obra do sr. Valdez, é do pontal onde os descobridores da formosa ilha da Madeira arvoravam a cruz que lhe deu o nome que ainda conserva.

É sabido que a deliciosa ilha da Madeira foi um dos primeiros descobrimentos realisados pelos exploradores do grande infante D. Henrique nos mares africanos.

João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira, fidalgos da casa do infante, tendo descoberto em 1418 a ilha de Porto Santo, onde se demoraram até 1419, avistavam sempre ao longe, quando a atmosphera lh'o permittia, um negrume permanente, que os incitou a irem investigar a causa d'aquelle phenomeno.

Zarco foi o que se abalançou a esta empreza, que outros julgavam temeraria, por certos temores vãos e supersticiosos, tão communs n'aquelles tempos. Com um navio e alguns barcos descobriu terra, que foi costeando, observando as pontas, praias, ribeiras e fontes de boa agua que encontrou. Chegando a uma grande e alta ponta que a terra alli faz para o mar, viram os exploradores muitos bandos de aves que se lhes vinham pôr sobre as cabeças e remos A esta ponta chamaram de Garajáo, nome de um passaro dos mares da India. Duas legoas adiante acharam outra, que, com a primeira, faz uma enseada mui aprazivel, rasa com o mar, e de arvoredo cerrado, sobre o qual se erguiam altissimos cedros. Ao valle que fazia aquella bahia entre as duas pontas, porque o viram coberto de seixos, sem arvoredo algum, e só cheio de funchos, chamaram porto do Funchal, que depois foi e ainda é a nobre cidade da ilha. No cabo d'ella encontraram dois ilhéos, onde passaram a noite, dormindo nos bateis; pela manhã dirigiram-se á segunda ponta, e por arvorarem n'ella uma cruz, lhe ficou por nome ponta da Cruz, e logo dobrando-a, viram uma praia a que chamaram Formosa. Mais adiante viram entrar no mar uma grande ribeira, e passando-a, encontraram duas pontas que da ilha entravam no mar, e entre ellas uma grande lapa ou camara de pedra e rocha viva, onde entrando os bateis, tantos lobos marinhos viram n'ella que lhe chamaram «Camara de Lobos», e se recrearam matando muitos, e até o capitão João Gonçalves Zarco d'aqui tomou chamar-se João Gonçalves da Camara. Concluida a volta que deram por toda a costa da ilha se fizeram de vela para Portugal.

«Chegados a Lisboa (diz Antonio Cordeiro, auctor da *Historia Insulana*, em 1717) com taes novas e signaes da nova ilha, tanto o festejaram os serenissimos senhores reis e o nosso infante, pae e filho, que mandaram fazer logo procissões publicas de acção de graças a Deus; deram nome á nova terra de ilha da Madeira, pela muita de que estava coberta; e el-rei tomou para fidalgo de sua casa ao descobridor João Gonçalves da Camara, e lhe deu por armas um

escudo em campo verde, e n'elle uma torre de homenagem, com uma cruz de oiro e dois lobos marinhos encostados á torre, com paquife e folhagens vermelhas e verdes: e demais lhe fez el-rei mercê de capitão donatario da jurisdicção do Funchal, que é jurisdicção de metade da ilha, de juro e herdade para elle e seus successores; e assim este ditoso capitão ficou sendo o chefe e primeiro tronco das illustres familias dos Camaras, tão estendidas e augmentadas.»

A ilha da Madeira campêa senhorilmente nas aguas do oceano Atlantico, 160 legoas distante do cabo da Roca, e 119 afastada da costa occidental da Africa. Tem 18 legoas de comprido e 8 na sua maior largura. População 114:000 almas.

Da magnificencia do seu clima, fructos, vegetação, serras e montanhas, algumas de 6:000 pés de altura, estão cheios os livros nacionaes e estrangeiros. Já não ha mais que dizer em applauso d'esta perola do Oceano.

Um poema heroico, em dez cantos de oitava rima, intitulado a *Insulana*, e outro denominado a *Zargueida*, celebraram o descobrimento da Madeira e as suas bellezas. Camões, em tres estancias do canto x dos *Lusiadas*, o relata poeticamente; e no canto v, estancia 5, mencionando outra vez a ilha da Madeira, diz que foi —

Das que nós povoámos a primeira,
Mais celebre por nome que por fama;
Mas nem por ser do mundo a derradeira,
Se lhe avantajam quantas Venus ama;
Antes, sendo esta sua, se esquecêra
De Cypro, Gnido, Paphos e Cythera.

FRANCISCO JOAQUIM BINGRE

(FRANCELIO VOUGUENSE)

(Vid. pag. 129)

V

Era n'aquelle tempo (e continuou a sel-o por muitos annos), consideravel e assás lucrativo o commercio feito em Lisboa com generos e manufacturas de procedencia estrangeira, para cuja introducção, a despeito das leis prohibitivas, serviam principalmente de vehiculo os paquetes britannicos, isentos de toda a sorte de fiscalisação por virtude de tratados existentes entre as duas nações. N'este trafico clandestino, exercido na maior parte por especuladores adventicios que, acobertados com seus privilegios e immunidades, podiam arrostar mais ousadamente, e com menor perigo, os riscos das penas pecuniarias e corporaes impostas aos contrabandistas, muitos se enriqueceram, tornando-se poderosos e legando a seus descendentes grossas fortunas, por tal meio adquiridas.

D. Anna Hybingre, que é de presumir tivesse tomado em casa de seus tios as primeiras noções d'esta especie de negocio, deu-se a experimental-o; e vendo coroados de bom exito os seus ensaios, resolveu proseguir na via encetada, ficando de permanencia em Lisboa com o filho, entretanto que o marido voltava para a provincia, preferindo aos gozos matrimoniaes os cuidados da lavoura e amanho de suas pequenas propriedades, que provavelmente augmentaria com o andar do tempo.

VI

A conta de sua mãe correu, pois, a educação do futuro poeta; e vê-se do que nos diz o seu biographo, que ella fôra, no sentido litterario, menos esmerada do que o acreditára alguem, que a esse respeito nos transmittiu as informações de que em outro logar nos servimos. Aprendidos os rudimentos das primeiras letras, parece que, longe de completar o curso de estudos regulares que lhe suppunhamos, toda a sua instrucção ficára circumscripta no conhecimento da grammatica e lingua latina, cujas lições ouviu de Manuel Pereira da Costa, professor regio em Lisboa, tido aliás por homem erudito, mui habil n'essas disciplinas, e já então encanecido no longo exercicio do magisterio [1]. Como julgar, em verdade, que de outras luzes necessitasse quem ia, como elle, destinado a seguir a vida e trato commercial, em que, por via de regra, a fortuna supera a intelligencia, não sendo ordinariamente os mais rudes em letras os que menos n'elle prosperam?

O talento natural e a capacidade reflexiva suppriram comtudo no mancebo a mingoa de maiores estudos. D'elle se apoderou, entrado apenas na quadra da adolescencia, a paixão dos versos, que tinha de acompanhal-o até aos ultimos dias da decrepitude. É circumstancia attestada pelo proprio, no trecho que da citada biographia para aqui copiâmos:

«Inda tres lustros perfeitos
Eu d'edade não contava,
Quando já a amor, e ás musas
Como um doudo me atirava!»

Alternando com as lidas mercantis em que tinha de occupar-se na casa materna, o cultivo, para elle mais agradavel, da poesia; dando as sobras do tempo á leitura e meditação dos bons auctores latinos, intermeiada com a dos nossos quinhentistas, que os tomaram por modelos, e a quem elle se esforçava por imitar com discernimento e boa escolha: recebido com prazer nos salões, cujas portas lhe franqueava o dom de repentista em que se mostrava insigne, e que os contemporaneos tão altamente festejavam: finalmente, bemquisto na sociedade por seu trato urbano e jovial, e ainda mais estimado dos amigos que de perto conheciam a singeleza e ingenuidade do seu caracter, brando por natureza, opposto egualmente aos excessos da lisonja e da detracção, e tão incapaz de rebaixar o merito alheio, como de nutrir sentimentos de inveja ou emulação caprichosa: foi assim que Francisco Joaquim Bingre viu correr afortunadamente, como elle diz, os annos da sua virente mocidade.

VII

Cremos que a instancias da mãe, e por ventura mais cedo (se não nos enganâmos) do que parece colligir-se da citada biographia, elle accordára em mudar de estado, desposando-se com uma sua patricia, da mesma freguezia de Canellas. Esta senhora, chamada tambem D. Anna Maria, soube, ao que se affirma, com suas graças e amabilidade conquistar a affeição e ternura do esposo, presenteando-o successivamente com quatro filhos [2], e sendo-lhe companheira extremosa, tanto na prospera como na adversa fortuna, até que a morte a levou do seu lado.

Parece que a celebração d'este consorcio, cuja data precisa não ousâmos assignar, precedêra, ou seguíra de mui perto a organisação da sociedade

[1] Deixou impressas varias obras em prosa e verso, mencionadas na *Bibliotheca Lusitana*; e mais algumas que em addittamento teremos de accusar no artigo competente do *Diccionario Bibliographico*, se chegarem a ser por ventura removidas as causas que de presente nos forçam a sobr'estar na publicação da parte restante d'este nosso trabalho, conduzida á custa de penosos sacrificios até ao tomo v, que démos á luz em abril d'este anno.

[2] Posto que o sr. C. L. d'Abreu accusa a existencia de seis filhos, todavia apenas nos dá razão de quatro, a saber: D. Raymunda Marianna, a quem faltou a vida no estado de viuva, pouco tempo antes do obito de seu pae; Nuno Maria, que morreu sendo já formado bacharel em direito; Francisco Lourenço d'Assis, e D. Perpetua Clara, colhida pela morte em annos mui tenros. Pelo que conjecturâmos, sómente da primeira nomeada se conserva descendencia.

poetica, a que no anno de 1790 Francisco Joaquim Bingre, de acôrdo com o beneficiado Caldas Barbosa, Joaquim Severino, e Curvo Semedo, traçaram os fundamentos sob o titulo de Academia de Bellas-letras, hoje mais conhecida pelo de Nova-Arcadia: associação que viu de principio reunidos no seu gremio os melhores engenhos da epocha [1], e que promettendo larga duração, poderia dar de si resultados mais vantajosos e conformes ao seu instituto, se a discordia não se ateasse depressa entre os seus membros, por motivo das desavenças suscitadas entre Bocage de uma parte, e da outra Curvo Semedo e José Agostinho; a que se seguiram divisões, odios e parcialidades, e por fim a anniquilação total em 1795.

Em quanto estas contendas tomavam corpo, e já talvez ao romper das primeiras hostilidades, negocios de interesse domestico haviam arredado Bingre para longe de Lisboa, como diremos. A ausencia em taes circunstancias foi para elle de proveito. Poupou-lhe não só o dissabor de ver inimistarem-se entre si, aggredindo-se mutuamente em renhida peleja os que eram seus amigos communs, e d'elle egualmente estimados, mas ainda a dura necessidade de declarar-se por uns com offensa de outros. Guardando ao contrario estricta neutralidade, se foram inefficazes as diligencias que por vezes tentou, no sentido de congraçal-os, pôde ao menos conseguir que as suas relações de amizade para com todos se conservassem inalteraveis.

VIII

Por effeitos da instabilidade e inconstancia, que andam annexas ás coisas humanas, a fortuna, que durante um longo periodo favorecêra os negocios de D. Anna Hybingre, começou a dar-lhe costas, cançada de protegel-a. Além das perdas consideraveis que lhe sobrevieram no seu trafico, viu-se na impossibilidade de realisar, como havia mister, o embolço de sommas não pequenas, de que era credora por fazendas vendidas a credito ás casas de alguns fidalgos, que se mostravam remissos no pagamento. E como se estes infortunios não bastassem, ou talvez em consequencia d'elles, achou-se accommettida dos primeiros insultos de alienação mental, cujos symptomas se manifestaram, aggravando-se de dia para dia.

Bingre, que nas auras da bonança aprendêra a supportar com resignação as tormentas da adversidade, portou-se n'esta conjunctura com a coragem de um verdadeiro philosopho. Deu a sua mãe os cuidados que o seu estado requeria; e vendo a inefficacia de outros meios experimentados para debellar a molestia, occorreu-lhe, não sabemos se por arbitrio proprio, se por indicação de peritos, buscar na mudança local um recurso que muitas vezes tem sido n'estes casos applicado com reconhecida utilidade. Determinou, pois, transferir-se para a provincia, levando comsigo toda a familia; esperançado em que a Providencia lhe depararia, talvez, na casa paterna o remedio que em vão procurára para a mãe enferma, e para si um abrigo contra as vicissitudes da sorte.

Desgraçadamente, as esperanças incertas de melhoria ficaram de todo frustradas, ou antes converteram-se em tristes realidades. Pouco tempo havia decorrido depois que chegára a Canellas, quando veiu cobril-o de lucto a morte de seu pae: e a mãe, peiorando a olhos vistos, não tardou em ir reunir-se ao marido no seio da eternidade. Estes obitos occorreram, segundo consta, em 1793.

Ao tomar posse da herança que lhe ficára, viu Bingre que, a conservar-se em Canellas, difficilmente poderiam subsistir, elle e os seus, do mesquinho rendimento de taes propriedades. Julgou portanto que de preferencia lhe convinha voltar para a corte, onde lhe seria mais facil solicitar algum emprego publico, e tratar juntamente da cobrança das dividas de que sua mãe era credora. Adoptada esta deliberação, foi prompto em executal-a, pois o sabemos já em Lisboa nos principios de 1794.

(Continúa) I. F. DA SILVA.

¹ Duas equivocações notámos no sr. C. L. d'Abreu, as quaes lhe pedimos licença para rectificar em graça da verdade. A primeira é contar elle entre os membros da Nova-Arcadia, Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, que no periodo da duração d'este corpo (1790 a 1795), tinha apenas de nove a quatorze annos de edade, pois nascêra indubitavelmente a 18 de septembro de 1781. A outra é suppôr que Bingre fôra *tambem* membro de uma Academia Real de Bellas-Letras, que jámais existiu, sendo esta, como acima dissemos, a verdadeira denominação da chamada Nova-Arcadia, salvo comtudo o epitheto «Real», que n'este caso se torna puramente *imaginario*, porque nunca foi conferido a tal associação.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

PERGUNTA

«Um assignante e constante leitor do *Archivo Pittoresco* muito folgaria que v. explicasse qual das duas expressões é correcta: — *um copo d'agua*, ou *um copo com agua?* —; ainda que, por não dizer que sabe, lhe pareça que a primeira é a que tem conveniencia grammatical; não a segunda, pois n'aquella se subentende por ellipse o adjectivo *cheio*.»

RESPOSTA

Está mui bem resolvida pelo nosso assignante do Porto a dúvida que aponta. O segundo modo de dizer é pleonastico, porque, embora a preposição *de* sirva para designar a materia de que é ou se faz alguma coisa, como não ha copos feitos de agua, nenhuma ambiguidade resulta de se supprimir o adjectivo.

Ha porém muitos que, escrevendo ou fallando, tem escrupulo de dizer um *copo d'agua;* mas não uma *garrafa de vinho*, uma *pipa de aguardente*, um *vidro de licor*, etc.

E certo que a preposição *de* causa muitas vezes ambiguidade, porque tem mui diversas propriedades e empregos na nossa lingua, e em todas as neolatinas, a ponto que alguns grammaticos lhe contam vinte e tres [1]; entretanto, na phrase proposta, a sua accepção é tão obvia e commum, que não ha necessidade de recorrermos a circumloquios, ou de usar de pleonasmos para nos exprimirmos com clareza.

ENIGMA



¹ Veja-se, a respeito do uso e propriedades da preposição no nosso idioma, o excellente tratado philologico do sr. F. Evaristo Leoni, intitulado: *Genio da Lingua Portugueza,* t. II. tit. I. cap. unico.